



O DISTINTO SOPRANO LIRICO CARMEN TOSCHI, da companhia de opera do Coliseu dos Recreios

(Cliché Vortschl & Artico, Milão)

II série — N.º 522

Assinatura para Portugal,  
colonias portuguesas  
e Hespanha:  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Trimestre } 1\$20 \text{ civ.} \\ \text{Semestre } 2\$40 \text{ ..} \\ \text{Ano } \dots \dots \text{ } 4\$80 \text{ ..} \end{array} \right.$   
Numero avulso, 10 centavos

**Ilustração Portuguesa**

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CRIAVES



# Rifle de Repetição Calibre .22 A Arma Ideal Para Caçar



Um rifle de repetição calibre .22 ocasionar-lhes-ha grande prazer quando em busca da caça meuda. O atirador preocupar-se-ha unicamente em ver a exactidão do rifle que comprar, e que a potencia do cartucho que ella pôde disparar não evite o exito do tiro.

Peça para ver a nova arma repetidora REMINGTON-UMC calibre .22 para uso dos potentes cartuchos calibre .22 comprido rifle, assim como tambem .22 curto e .22 comprido.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company  
299 Broadway, Nueva-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil No Territorio de Amazonas  
LEE & VILLELA OTTO KUHNEN  
Caixa Postal 420, São Paulo Caixa Postal 20 A.  
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro Manaus

Agente em Portuga: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.



## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

### MADAME Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologia e histologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lami, Rose, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) - LISBOA. Consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 reis.

## DORES DE COSTAS

### PILULAS FOSTER PARA OS RINS

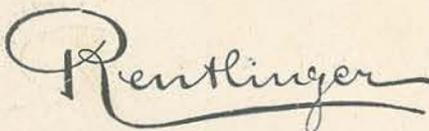
Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinaarias; calculos; neuralgias; reumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 300 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & Co, Succes.,  
Rua Mousinho da Silveira, N° 85, Porto.

### FOTOGRAFIA



A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre - PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Ler ás quintas-feiras o

### "Seculo Comico"

PREÇO: 1 centavo



### REMEDIO FRANCES

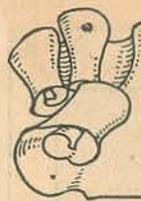


Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,  
25, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte comendo 2 Frascos.



SELLOS DE CORREIO  
CATALOGO GRATIS E FRANCO  
Remettam-se Folhas para escolher  
**POULAIN FRÈRES**  
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

¿Cai-te o cabelo? Escreve hoje mesmo um simples postal a Penelope - La Madrileña - e grãz a te informara d uma maravilha para evitar e curar com certeza absoluta todas as doenças do cabelo e da pele. Rua Diario de Noticias, 61, 11c.



### As representações da «Comédie»

Um grupo de artistas da «Comédie Française», foi, agora, ás linhas de batalha, na frente do Oise, dar uma série de representações com as peças do seu repertorio habitual. Neste momento, quando toda a França está no



«front», a idéa não podia ser nem mais bela nem mais delicada. Corneille e Racine foram interpretados um pouco «à la diable», nas grangas e nos palheiros que o acaso oferecia; mas, os senhores da Comédia, se não representaram, como Talma, para um publico de reis, lançaram, contudo, os mais belos versos da França para uma platéa de soldados. Têm sempre

um sonoro brado estes «élans» da velha e sempre joven alma franceza. Alegrar, distrair o «piou-piou», é uma idéa generosa, declamar-lhe os nobres versos de Corneille, incendiar-lo com a fuga heroica do autor do «Cid», — é uma idéa patriótica. Deslumbra o «poilu», aquece os mais letrados. Nem só com balas se faz a guerra; faz-se com alexandrinos tambem.

### A comuna

A Comuna de Lisboa tinha, pelo visto, um programa terrivel. Não li o documento todo, embora lhe admirasse o preparo minucioso, mas constatei, como todos nós, os efeitos primeiros. Certos grupos, por quasi toda a cidade, assaltaram, arrombaram e saquearam algumas placidas e inofensivas mercearias. Deixaram correr o vinho e o azeite, inutilisaram certos farinaceos, partiram algumas substancias mais duras, que deitaram, depois, á rua, — para impedir o avanço da cavalaria. Foi tudo cuidadosamente pensado e a policia, de cem olhos e cem bocas, pode verificar que, de facto, os manifestantes não mata-



raram a fome que diziam ter, limitando-se a estragar aquilo que, impunemente, podiam ter levado. Mas — coisa notavel! — a mesma policia observou que muitos centos de sabonetes haviam desaparecido e que esses, realmente, haviam sido roubados nos estabelecimentos. Progresso digno de todo o elogio e que nos deve envaidecer. Quarenta e cinco anos passaram já desde a outra comuna. Alguma coisa se ganhou de uma para a outra: ao contrario do que sucedeu com a comuna de Paris, a comuna de Lisboa, — lava-se!

### As Joias

Madame de Thébes, vidente, nigromante, sibila de Cumes ultra-moderna, aconselhou ás parisienses modestia, comedimento, luxo discreto. Não pôde garantir-se que as elegantes tenham tomado na devida consideração o conselho de madame de

Thébes mas, de facto, a «parure» de diamantes, as grossas perolas de Ceylão, o adereço brutal que os banqueiros fornecem, desapareceram. Nenhuma joia, nenhuma pedra preciosa nas reuniões d'alta elegancia. A moda imperiosa assim o requer. Todo o sonho das mulheres pelas pedras que cintilam e custam rios de dinheiro, é, agora, de um soléus mau gosto. Nas orelhas nada; nada nos dedos; nada nos côlos onde



refulge unicamente a alvura da «crème Simon». A fortuna da França dorme nos cofres fortes, pronta a servir a França. E o grande luxo, o supremo «chic» está n'um bocadinho de obuz habilmente torcido em pulseira, n'uma bala meio deformada, volvida em broche. São ainda as mesmas mulheres de 1871, as mesmas que arrancaram os brincos das orelhas para pagar, em seis dias, os dois mil milhões de francos que a França deu á Prussia.

### «Regresso á felicidade»

Sousa Costa publicou recentemente o seu ultimo livro «Regresso á felicidade». Não se trata, d'esta vez, de um romance de psicologia ou de observação como a «Sempre virgem» ou o «Fruto prohibido». E' todo um romance de fantasia, dos que perduram e se lêem sempre com agrado constantemente novo, uma «charge» cerrada ás tendencias do naturismo, do frugivorismo. E é, na verdade, uma «charge» deliciosamente bem feita, trabalhada com o belo talento de Sousa Costa, onde ha paginas magnificas e, sobretudo, uma magnifica «verve». Qual de nós não sentiu, ao menos uma vez, esse vago desejo de ser tambem aquele homem selvagem, felpudo, primitivo, nú, comendo frutos, empoleirado n'uma arvore d'essa preciosa «ilha da felicidade» emquanto, em baixo, um bando de filhos grulha, se agita, age n'essa delicia de andar sem roupa e de comer sem garfo?



nas magnificas e, sobretudo, uma magnifica «verve». Qual de nós não sentiu, ao menos uma vez, esse vago desejo de ser tambem aquele homem selvagem, felpudo, primitivo, nú, comendo frutos, empoleirado n'uma arvore d'essa preciosa «ilha da felicidade» emquanto, em baixo, um bando de filhos grulha, se agita, age n'essa delicia de andar sem roupa e de comer sem garfo?

MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



# El Pilluelo de Tordehumus

Em Tordehumus, vila de Castela-a-Velha, houve, noutros tempos, um homem, Pablo Gutierrez, pedreiro de profissão, tão solérte na arte de alegrar o mundo, que em dez leguas em redondo, não obstante os seus 40 anos, o conheciam por *El Pilluelo de Tordehumus*. Era Gutierrez mestre na guitarra na dança e na trova, estando para nascer o cantor que o houbresse num descante. O cura plantava-o á mão direita, todas as vezes que a *iglesia mayor* se entoava um *Tantum ergo* pomposo ou que nas procissões votivas era preciso abrandar a colera do Senhor. Como era grande a sua nomeada, *El Pilluelo* era rogado para festas, bodas e entradas que houvesse nas redondezas. Desforrava-se, então, dos dias frugaes de Tordehumus, bebendo, e comendo como um cristão velho, quando entra a semana da pascoela. As mulheres, que todas ele cativava, vinho, no meio de um fandango, meter-lhe na boca biscoito ou fatia de trigo folhado, que ele ficava mascando, triturando, lentamente, á dependencia, enquanto os seus dedos na guitarra brincavam como novilhos.

Lambisqueiro e amimalhado, Pablo foi-se afidalgando e largando a profissão de gaviarra que roi as unhas e derreia a espinha. E, raramente, pegava nos camartelos, que não fosse em maré de pressa, para endireitar uma pedra em casa de viuva, mulher que trouxesse o marido pelo mundo, pessoa muito grada, ou ao serviço do sr. cura. Porque, birbantão e tunante, *El Pilluelo* era cristão de verdade. Não havia burguez em Tordehumus ou homem de lei que realçasse tanto a vara do palio, ou tivesse num officio solene compostura mais devota. Assim, a bem com Deus e com os homens, Pablo era um regalão, se os temporais de inverno em Castela, assaltando as aldeias como lobos, não varressem da vida dos homens, o prazer de gosar e dançar. *El Pilluelo* acolhia-se, então, á taberna de Alonso Peralta onde, entre o chincalhão, a canada e a linguça, moia horas, estupidas como touradas sem touros de morte. A's vezes um viajero abria o bernal e sociavam, e *El Pilluelo* comia daquele pão branco e olhudo que não é quartado e compacto como rebôlo de amolar. Sempre liberal, Pablo pagava o vinho e, se as cabeças aqueciam, mandava um galopim buscar a guitarra e era um ceu aberto na taberna de Alonso Peralta.

Ora sucedeu que nesta vida de mandria e de papo quente o rol na loja do Peralta foi crescendo até subir a soma com que comprar uma junta de bezeros. *El Pilluelo*, no entanto, não olhava a mandar vir, nem parecia ter bem a noção dos traços cambaios, que na lousa, suspensa de uma trave, testemunhavam os copos que bebia. Uma noite, o Peralta, coçando a nuca, porque não queria escorraçar o melhor charmariz da freguezia, mostrou-lhe, num apelo vagaroso de algarismos, que a divida orçava por 25 ducados. *El Pilluelo* não manifestou espan-

to nem discutiu as cifras encavaladas do Peralta; por um m. c. e. d., jurou que, estando o Natal á porta, muito safada era a sua banza se lhe não grangeasse com que abater, aldemenos, metade da nota de Alonso Peralta. O taberneiro, para quem a fama de Pablo Gutierrez não ficava a dever á do *alcalde mayor* de Valladolid, resignou-se a esperar; mas passou o Natal, chegaram os Reis e *El Pilluelo* sem mostrar a sombra de um ducado. De novo houve capitulo entre vendeiro e menestrel. Acicatado, *El Pilluelo* ofereceu-se, para á conta do que devia, murar de boa cantaria a horta do Peralta. Este, que via as mãos do pedreiro, mais alvas que mãos de dôna, recusou:

—Pagas antes da Senhora da Atocha, ou dou parte á justiça. Não tens dinheiro, pede-o a Deus, ao cura, ou ao diabo.

E discretamente, com falas de hipocrita solicitude, lhe foi encurtando o credito.

*El Pilluelo*, roendo uma códea, aparecia a tiritar, enrolado na manta:

—Um quartilho, tio.

—En meço-to—declarava melifluamente o taberneiro, gingando com a cabeça—mas vê lá, Pablo, não seja a conta pesada.

*El Pilluelo* jurava por sua mãe que nunca na porca da vida ficára a dever uma *perra* a um judeu.

O outro tornava:

—Eu sei, eu sei, Pablo, que tu és honrado, mas o que eu não quero é que o meu rol seja para ti uma corda de enforcar. Estimo que bebam na minha loja, se estimo; mas não quero meter ninguem em precipicios.

E com a mão no jarro, Alonso Peralta esquecia-se de lhe servir a bebida pela qual as suas veias batiam como sinos. *El Pilluelo*, de nariz enfronhado na manta, ia fazer uma ronda pela residencia do cura ou de uma das suas favelcas mais lautas, mas nem sempre o faro o levava em bom sentido.

No dia da Senhora da Atocha, noite, já os chocalhos dos carneiros baliem nos estabulos da boa vila de Tordehumus, Peralta mandou um dos seus felelhos saber se o tio Pablo estava em casa. O tio Pablo ficára na romagem, bebido como uma cabra — respondera-lhe uma visinha.

No dia seguinte Peralta, como não tive-se rumor de *El Pilluelo*, concertou-se com proximos e parentes. Não tendo Pablo eira nem beira, e sendo a vingança não só o prazer dos deuses mas dos taberneiros, um beleguim foi expedido a horas mortas colher *El Pilluelo* na pousada. *El Pilluelo*, ou porque aventasse a traça ou porque alguém lhe desse o lamiré, esgueirou-se a tempo. O *alguazil*, indo-lhe na cóla, foi topá-lo na Igreja-Mayor, que a essa data era ainda o inviolavel valhaoito de todos os delinquentes da terra. E o official da justiça quedou inutilmente horas na galilé, como um podengo á en-

trada da lura por onde se lhe sumiu a raposa.

Sucedeu ser aquele um ano de calamidades para terras de Hespanha. A invernia fazia dobar telhados e colmeiros; os rios, engrossando, abalaram com pontes e um vento do norte, afiado no ermo e na lagea, cortava nos centeios e renovos como navalha de barba. Bastos e solenes votos de penitencia se realisaram por todo o distrito de Valladolid; as procissões corriam os campos de cruz alçada e lanternas acesas; homens, mulheres e crianças arrancavam das guelas as mais doridas e veementes ladainhas.

A boa vila de Tordehumus não entardeceu neste



piedoso fervor de congraçar castelhanos com o misterio dos céus. A's solenidades de dalmatica e sobrepeliz, projetaram certos habitantes de acrescentar um auto sacramental ou misterio, onde, para exemplo vivo dos mortaes, se representasse a Santa Paixão de Nosso Senhor. Animados deste nobre intento, sondaram se aptidões, calcularam-se os papeis e fez-se o inventario dos recursos com que podiam contar dentro de muros. Faltava-lhes um homem de rasgo, bem falante e bem apessoado, que pudesse incarnar a figura do Cristo. A todos acudiu o mesmo pensamento: em vinte leguas á roda não se toparia sujeito capaz de calcurriar de burro, gaudientemente, a estrada de Damasco, ter *aria* no Pretorio que não fôsse Pablo Gutierrez, *El Pilluelo*. Para Cristo só Pablo *El Pilluelo*! Um dos mordomos, recomendando aos outros sigilo e circunspeção, se foi ter com Pablo, que á sombra da igreja ia medrando, mais gordo e mais rosado, rescendendo já o untuoso aroma daqueles que vivem no comercio de Deus.

Quando o mensageiro deu conta do que o levava, Pablo suspirou, elevou os olhos ao Espirito Santo com ar de lhe pedir perdão, ou uma resposta inspirada. Pablo não podia ser Cristo, porque se arris-

cava pé na rua, os cães da justiça o levariam para a cadeia, por causa de 24 ducados que devia na fonda do Peralta. Mesmo que este episodio se pudesse intercalar, sem destom, em toda a via-sacra, seria enxovalhar a augusta natureza do Crucificado, que se foi levado ao Pretorio como amotinador da rua em nome de Deus contra Cesar, não o foi como caloiteiro.

Não, Pablo não podia ser Cristo, o que seria cair nos galfarros dos aguazis, que de um olho o espreitavam e do outro proseguiam na caçada de que comem e dão a comer. Não seria, além disso, afrontar com tal imprudencia a bondade do Senhor, que ali lhe punha mesa lauta e cama segura? Mercê dos altos designios, realisados na terra por linhas travessas, as boas devotas do logar, desde a ama do cura á mulher do alcaide, tinham-no ali de papo farto e barbela untada. Faltava-lhe a guitarra, mas disso se desferrava elevando hinos ao Senhor, acima de medida.

Estas razões calaram no animo do mordomo, bem que se lhe afigurasse que era menos o pudôr de enxovalhar Cristo como caloiteiro, que o receio de cair nas manoplas da justiça, o que determinára *El Pilluelo* á evasiva. Com os outros se foi, porém, conferenciari, e depois de variado e contumelioso debate chegaram a este resultado: em vez do auto da via-sacra, representariam o auto do Santissimo Sacramento, edificando o palanque junto da igreja, e comunicando com ela por uma porta, de maneira a Pablo poder representar, sem risco, a figura do Cristo, uma vez que de um passo estaria no reducto inviolavel do logar santo.

Voltou o mordomo á parochial e com Pablo teve uma breve pratica. Uma vez que o andaime era erigido rente á igreja, duvidas mais não tinha, mas só grande honra, em representar Jesus Cristo entre os apóstolos, na ceia em que distribuindo pão á direita e pão á esquerda dizia: «comei, este é o meu corpo; bebei, este é o meu sangue.»

Assim pactuado, pizeram-se os promotores a ordenar o entremez, preparando tunicas e ensaiando os papeis. Na pacata Tordehumus, esta azafama estranha suscitou a curiosidade de uns e a desconfiança de outros. Alguns viam naqueles aprestos obra de marranos contra a religião, outros a farolice de alguns soldados e escrivães que não temiam incorrer, com folguêdos lascivos, nos castigos do céu. Depois, quando chegaram as cambraias de Valladolid e as perrucas posticas de Madrid, a verdade começou a coar-se das teias emaranhadas da fantasia. Alonso Peralta, cuja taverna era a estação central da cuscuvilhice, em breve penetrou o trama dos fieis do Santo Sacramento. E, mal te precatas, se foi aconselhar com um aguazil sobre a insolencia de Pablo *El Pilluelo*, que devendo-lhe 24 escudos, não temia de apresentar-se á luz do dia na tunica do Salvador dos Homens. O oficial de diligencias ouviu, cismou, abanou a cabeça e perguntou que alvixaras lhe seriam dadas se *El Pilluelo*, no dia da representação, malhasse com os ossos na cadeia. O taverneiro ofereceu cinco escudos; era pouco; o aguazil pediu 10 escudos e um almude de vinho. Regatearam; e por 7 escudos e um cantaro de vinho se pactuou na morigerada e cristianissima Tordehumus a segunda entrega de Cristo.

O aguazil se foi dali encontrar com um seu amigo e compadre que entrava no entremez e que devia figurar o personagem de Judas. Pondo-o ao facto do assunto lhe inculcou o que tinha a fazer para bem do seu intento:

—Eh! compadre, um empurrão, e Cristo abaixo do andaime.

O outro anuiu sem relutancia.

Tordehumus madrugou cedo naquele dia de fim de inverno. Na rua a rapaziada limpava as testadas com vassoiras de giesta, e nas janelas pingavam as colchas e mantas variegadas com que se faz a ca-

ma aos hospedes de marca e se recebe na Pascoa o Senhor em casa. Deante do palanque, cosido com o muro da igreja, onde dois geitosos pregavam bambinelas de chita e um sobrecoço ci zento de segriuilha, uma alcateia de garotos jogava as cambalhotas.

Os homens de cara barbeada foram-se juntando e palestrando sobre os nabais que a geada chupava como vampiros. Alguns homens de justiça e clérigos deambulavam no adro, perseguidos das miradas das mulheres que raramente viam tal lindeza de maneiras.

Depois duma missa cantada, muito alerta e fervorosa, e um sermão regado de lagrimas, o tambor rufou e Tordehumus atropelou-se em volta do estrado, em que se ia representar o grave misterio do Sacramento.

Lá estavam os doze apóstolos. Ao meio um Cristo todo guapo e formoso, *El Pilluelo*; S. Marcos, o capador; S. Paulo, o creado do cura; S. João, J. das, Tomé, os burguezes da terra, mecanicos e alfaiates. Sobre a mesa havia um cabrito assado e canecas vidradas, grandes como dornas. S. Paulo, além disso, tinha um livro debaixo do braço e Cristo um resplendor de latão sobre a nuca. Alguns traziam durrindana á cinta e outros bornaes a tiracolo. Ao fundo via-se a Jeronima, moça de hospedaria, cara de lua cheia, os olhos verrumados nas bochechas, um grande lenço cruzado sobre o peito rotundo, e que ali representava, não se sabia bem, se Maria Madalena, se a creada de mesa.

Quando o tumulto serenou na praça, onde os fidalgos tinham mandado pôr banquinhas para as donas, repleta de gente da viia e termo, o Cristo ergueu-se, traçou uma cruz sobre o cabrito e sobre o pão e em voz sonora, disse para a direita, ao discipulo amado:

— Reparte, João, este é o meu corpo.

S. João, com uma faca de matar porcos, espatifou o assado, e os apóstolos se mostraram pressurosos em provar do corpo divino.

Bem que a visível comoção do augusto papel que representava lhe cerrasse a garganta, o Cristo agarrou numa das coxas e se pôz delicadamente a devorá-la.

Imolado o cabrito, a serva rotunda veio com um pichel de vinho e as canecas trasbordaram.

— Bebei — recomendou o Cristo — este é o meu sangue.

Ergueram-se as canecas; presa de tam solene misterio a população nem bafejava sequer; dois barcos, que grunhiam longe, ouviam-se, como se es-

tivessem a matar ali na cosinha simulada de Arimatea, para banquetear os apóstolos.

— De verdade vos digo, irmãos, que aquele que deverá me trair meterá comigo a mão no prato.

Como ninguem metesse a mão no prato, alguns apóstolos ergueram-se, invadidos de nobre colera:

— Quem vos trairá, mestre?

O Cristo levantou-se, veio até á boca do palanque, sobre a onda do povo emornecido. O seu olhar espraçou-se, um olhar doce, que tomava o sol e os meninos como testemunhas. E brandamente, foi distribuindo o osculo pelos apóstolos. Chegada a vez de Judas, este se aproveitou para pôr em pratica o seu ruim intento. E, no momento em que os lábios de Cristo lhe roçavam a pescocera, lhe deu tamanho cotovelão, que não só Cristo dobrou abaixo do estrado, mas as colunas do andaim e metade dos apóstolos. O auditorio envolveu-se em grande balburdia. Acudiram os meirinhos e um deles pousou a mão aberta sobre a veneranda espadua do Nazareno. Num abrir e fechar d'olhos lhe passaram as algemas, e vendo Cristo, ali ao lado, Alonso Peralta que o abostrofava, compreendeu a traça de que fôra vitima. Pesaroso, mas sorridente, como estava no seu carater de *Pilluelo*, se volveu para um dos apóstolos, murmurando:

— E vós, Pedro, que dizeis?

Ouvindo isto, Pedro sacou do terçado e, com violenta furia o despediu sobre a cabeça do aguazil que ousára levantar a mão sacrilega sobre a pessoa de Cristo; e com tal violencia o fez, que o sangue esparrinhou a grande distancia.

Acudiram outros meirinhos, e todos os figurantes do entremez, e o Alonso Peralta, causa do serrabulho, foram algemados e levados para ferros d'el-rei. Depois, tiradas as informações do uso e ordenado o processo sob o parecer d'um bom letrado, foi lida a sentença do teor seguinte:

«Primeiramente, mandamos que a Judas pela traição e crueldade, sejam dados duzentos açoites; ao S. Pedro declaramos e damos por bom e fiel apóstolo; ao Cristo damos por quite e livre e a que não pague a divida; ao taverneiro que perca os 24 escudos e ao aguazil que se cure, á sua custa, da cabeça rachada.»

Desta sentença apelaram as partes para Valladolid; mas tam justa, sabia e prudente a encontraram, que foi julgada fruto da sugestão divina mais que acerto da intelligencia humana.

Paris, 1913.

AQUILINO RIBEIRO.



## Visita do sr. Presidente da Republica ao Supremo Tribunal

Para retribuir as homenagens que a magistratura lhe tributou no dia 4 de novembro ultimo, o sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, visitou o Supremo Tribunal de Justiça, acompanhado pelo presidente do ministerio, sr. dr. Afonso Costa, e ministro da justiça, sr. dr. Catanho de Menezes, tendo sido recebido pelos magistrados d'aquelle alto tribunal e juizes de todas as instancias com as honras devidas á sua categoria.

O chefe do Estado occupou a presidencia e o sr. dr. Abel de Pinho, presidente do tribunal, leu um discurso agradecendo em nome da magistratura a honra da visita presidencial, protestando a lealdade

e cooperação da magistratura judicial e fazendo votos pela prosperidade da Patria. O sr. dr. Bernardino Machado, em resposta, em um discurso caloroso em que o amor da Patria e da Republica sobressaíam, disse que o progresso governativo de cada povo se aquilata pela diminuição da arbitrariedade e pelo acrescimo

de justiça que ele conquista para o livre exercicio dos seus direitos, e que é ao poder judicial que compete manter esta norma para o bom equilibrio da justiça.

Depois, com o mesmo cerimonia, o sr. presidente da Republica retirou do Supremo Tribunal, dirigindo-se ao palacio de Belem, acompanhado pelo sr. ministro da justiça.



1. O sr. presidente da Republica recebendo os cumprimentos da magistratura á entrada do Supremo Tribunal
2. O sr. presidente da Republica na presidencia do Supremo Tribunal de Justiça



Número avulso 1 contavo (10 réis)  
**O SECULO**  
 A CONFLAGAÇÃO  
 COMPANHIA DO GAZ  
 Os novos almanacs  
 A COMPANHIA DO GAZ  
 Os novos almanacs  
 A COMPANHIA DO GAZ

Os maestros Antonio Pena e João P. Mineiro

*Piano*

8<sup>va</sup>

*ff* *com 8<sup>va</sup>*

Handwritten musical score system 1, featuring a treble and bass clef. The treble clef part has a series of eighth notes with a forte (*ff*) dynamic. The bass clef part has a similar rhythmic pattern. A bracket labeled "8<sup>va</sup>" spans the first few measures. A handwritten note "*com 8<sup>va</sup>*" is written above the bass clef part.

Handwritten musical score system 2, continuing the piece. It features a treble and bass clef. The treble clef part has a melodic line with some grace notes. The bass clef part has a rhythmic accompaniment. A bracket labeled "8<sup>va</sup>" is present at the end of the system. A handwritten note "*ff*" is written above the treble clef part.

Handwritten musical score system 3, continuing the piece. It features a treble and bass clef. The treble clef part has a melodic line. The bass clef part has a rhythmic accompaniment. A handwritten note "*M. dolce*" is written above the treble clef part.

Handwritten musical score system 4, continuing the piece. It features a treble and bass clef. The treble clef part has a melodic line. The bass clef part has a rhythmic accompaniment. A handwritten note "*ff*" is written above the treble clef part. At the end of the system, there are markings for "Finis" and "2<sup>da</sup> vez".

Os maestros Antonio Pena e João P. Mineiro, que são dois professores de musica distintissimos e que tão excelentes serviços estão prestando ás bandas de musica com o seu periodico o *Filarmonico*, editado em Niza, onde residem, compuzeram um passo dobrado dedicado ao *Seculo*, cujo nome lhe serve de titulo, e que já tem

sido muito apreciado em publico. Reproduzimos hoje essa composição para piano, não só para arquivar n'estas paginas um original caracteristicamente portuguez, mas tambem na convicção de que proporcionamos ás nossas leitoras, sempre avidas de musicas novas, uma que lhes deves agradar, e em que os autores puzeram todos os recursos da sua inspiração.



# PORTUGAL



Minha Patria, Portugal,  
Da Europa n'um cantinho,  
Repousa como um rosal,  
Qual formoso jardimzinho,

A' beira do vasto Oceano.  
Patria d'Heroes, de Camões,  
Vasco da Gama, Herculano  
E mais illustres varões,

Tem por isso a justa gloria  
D'um passado rutilante,  
Escrito a oiro na Historia  
N'uma legenda gigante!

Novos mundos descobrindo  
Pelo dorso do mar fóra,  
Loiros a foram cobrindo  
Que lhe deram fama outr'ora.

Mas todo o grande esplendor,  
Toda a passada riqueza,  
Naufragaram com fragor  
Na inercia e na pobreza!...

E vive hoje do Passado,  
A tradição relembrando,  
Como um velhinho caçado  
A mocidade chorando!

E, comtudo, ó Patria minha,  
Ai de nós, e ai de ti!  
E' odio, intriga mesquinha  
De teus filhos entre si,

A tua grave doença,  
A tua cruel desdita!...  
Afinal, só malquerença  
Da política maldita!

Reage, foge da morte;  
E, se preciso te fôr,  
Expulsa, severa e forte,  
Teus maus filhos, sem temor!

Nunca te ha-de faltar gente  
Que bem governe, afinal;  
Que te torne florescente  
Que ponha termo ao teu mal!

Pois quanta, quanta riqueza,  
Não tens ainda escondida  
Na terra, que a Natureza  
Bafejou enternecida?!

Já não podes descobrir  
Novas terras, novos mares?!  
—Podes viver, reflorir,  
Nos vinhedos, nos pomares!

Tens escondidos tesoiros  
No solo fértil, fecundo,  
Que dá trigo e milho, loiros,  
Como nenhuns n'este mundo!

São pois os bons camponeses,  
Que desconhecem o mal,  
Os valentes portuguezes  
Que hão de salvar Portugal!

E, os verdes campos cavando,  
O robusto lavrador  
Dará á Patria, cantando,  
Todo o seu morto esplendor!...

Por isso, ó Patria querida,  
Eu não queria morrer  
Sem que, viçosa e florida,  
Te visse enfim reviver!

Queria ver tanta gente  
Que emigra, pobre, a pedir,  
Farta, nos campos, contente,  
Ceifando o trigo a sorrir.

Queria ouvir pelo estio  
Os moços nas desfolhadas,  
A cantar ao desafio  
Com as suas conversadas

Simples trovas inspiradas  
Nos seus ingenuos amores;  
Nos serões, espadeladas,  
Nos prados, bosques e flôres!

Queria ver a dansar  
O povo nas romarias  
Desde manhã sem cessar  
Até ás Ave-Marias.

E ouvir as raparigas,  
Fortes, de rosto moreno,  
Cantando alegres cantigas  
Rescendendo a verde feno,

Pelas eiras, nas malhadas,  
Ou as vindimas fazendo,  
Em côro com guitarradas  
E com violas tangendo!...

E queria ver rebanhos,  
De ovelhas, cabras e bois,  
Por esses prados tamanhos  
A pastar feno; e depois

Ver as lindas camponesas  
De faces rijas, córadas  
Como maçãs camoêzas,  
Levar á tarde as manadas

E os rebanhos ás córtes,  
Na franca alegria sã  
Das almas simples e fortes,  
Que se erguem de manhã

E se deitam ao sol pôr,  
Sem que um desgosto sequer,  
Um remorso, um dissabor,  
Lhes entre n'alma a roêr!

Queria, enfim, o Paiz  
De norte a sul remoçado;  
E toda a gente feliz,  
E lá fóra, respeitado

Este torrão sacrosanto,  
Esta terra que eu adoro,  
A quem amo tanto, tanto  
Como á Mãe que'inda hoje choro.

E queria, ó Patria minha,  
Morrer no campo, contente,  
Olhando o céu, á tardinha,  
No fogo do Sol Poente.

# O VELHO MUNDO EM GUERRA

A missão franceza, de que é chefe o illustre diplomata mr. Briand, teve em Roma um acolhimento que ha de ficar memoravel não só pelo carinho e entusiasmo que o caracterisaram, mas ainda pelos resultados de largo alcance que deixa prever para a politica dos aliados. A Inglaterra e a França ha mezes que marcham solidamente unidas, como se constituissem um só estado, atravez d'esta singular tempestade de fogo que já não aflige só a Europa, mas o mundo inteiro. Esta perfeita identificação dos dois poderosos paizes sob o ponto de vista politico, financeiro e militar, trouxe-lhes vantagens que todos os dias se assinalam pela sua resistencia no campo da luta e nas graves questões economicas, que eles resolvem com relativa facilidade em tão dificeis conjunturas. Falava que o mesmo estreitamento intimo de relações se operasse entre a França e a Italia para queo



O almirante francez Guépratte

bloco dos paizes que combatem pela liberdade e pela civilização contra o cesarismo dos imperios e centraes adquirissem essa unidade de vistas e de ação, que desde muito se preconisa como indispensavel para a vitoria final. E sem duvida que é chegado o momento de se realizar um plano que tem vindo amadurecendo no espirito dos dois governos como ha muito constitue a aspiração das duas nações latinhas. A primeira vantagem que se antevê da obra demr. Briand é a da criação de um conselho politico que regule todas as questões diplomaticas da «Entente», como se se tratasse de um só governo para todos os paizes.

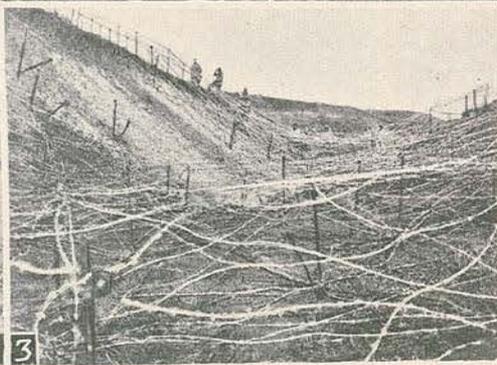
Em suma, se a Italia e a França vierem a pôr em comum os seus recursos e as suas forças, como, á ultima hora, se afirma estar acordado, não tardará a ter o seu desfecho, glorioso para os aliados.



1



2



3



4

*As defesas de Salonica inspeccionadas pelo general Sarrail: — 1. Felicitações do general ás tropas. — 2. Uma das linhas de trincheiras e o campo dos trabalhadores.— 3. Uma interessante rede de fios de ferro farpados.— 4. Francezes abrindo linhas de trincheiras, vendo-se no segundo plano o general.*

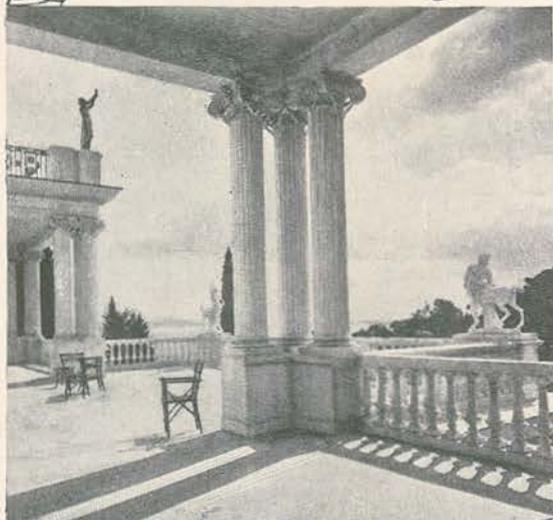


**O armamento nos Estados Unidos:** — Um dos canhões gigantescos que defendem as costas da America. Este canhão tem cerca de 15 metros de comprimento e o diametro da culatra 1<sup>m</sup>,50.  
(«Cliché» Branger).



Para vingar a destruição sistemática das obras de arte levada a efeito pelos austriacos, os soldados italianos apeiam um busto de Francisco José, erigido n'uma cidade proximo de Goritzia.

(Cliché Excelsior)



*Em Corfu.*—A vila de Aquileon e a estatua de Aquiles, moribundo

Os terraços do palacio de Corfu

**Corfu.**—Os servios continuam a ter na ilha grega de Corfu, onde foram instalados, um tratamento que, se era de esperar da Grecia, sua antiga aliada, não o era menos da vigilancia que os aliados empregam para que nada lhes falte. Os excelentes ares da ilha e os encantadores aspetos de toda a sua paisagem tem operado nos feridos ali recolhidos e para os quaes se converteu em hospital o

palacio de «Aquileon», pertencente ao Kaiser, os mais salutaes feitos. Corfu, no meio das aguas do Mediterraneo, tem adquirido uma animação extraordinaria com o embarque e desembarque de gente e de provisões. Muitas pessoas tem aproveitado o ensejo d'este movimento para a visitar e admirar-lhe não só as belezas naturaes, mas tambem a dos edificios e jardins que são dignos de admiração.



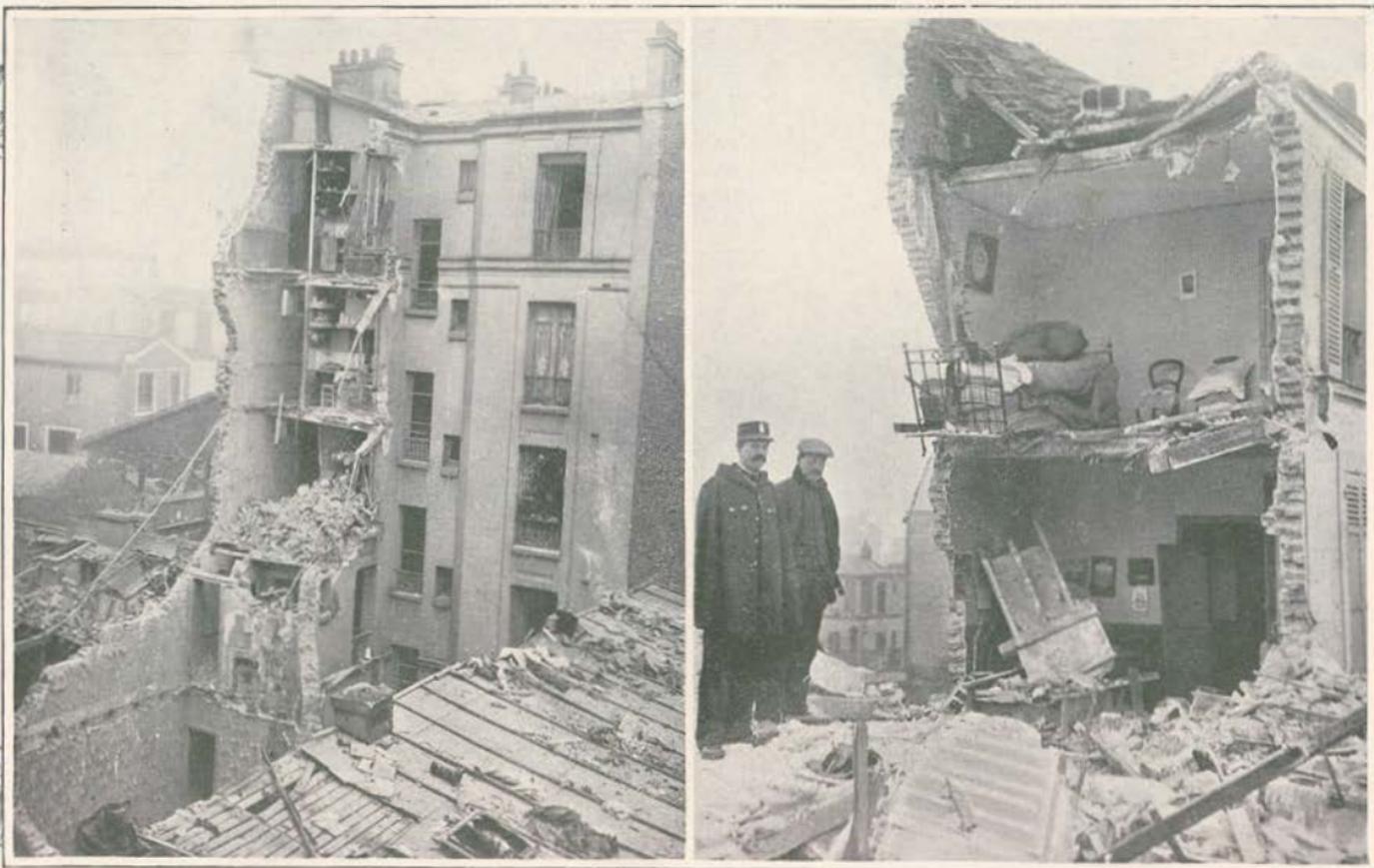
Uma bahia da ilha de Corfu



1. Salvamento de marinheiros alemães pela equipagem de um submarino britânico  
2. Depois da batalha: —Soldados da Cruz Vermelha francesa transportando feridos para a primeira linha da estação da ambulância.—(The Illustrated London News).

O ÚLTIMO "RAID" DE "ZEPPELINS" SOBRE PARIS

238

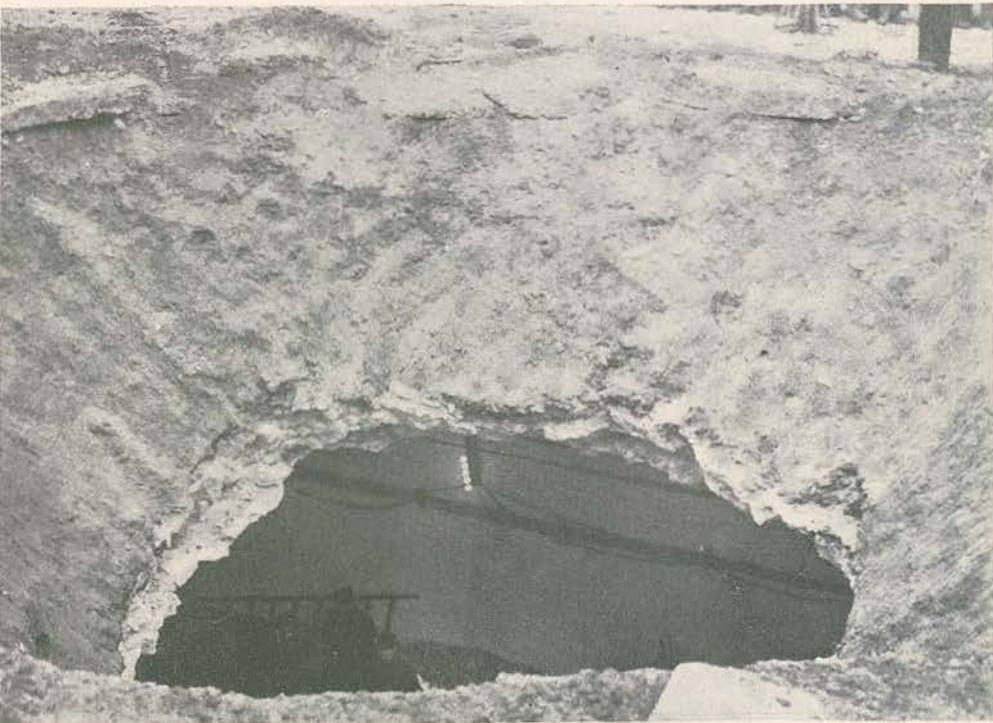


Aspeto de duas casas destruídas pelax bombas dos *Zeppelins*, tendo morrido muitas mulheres e crianças que se encontravam deitadas a esta hora

(Cliché Excelsior).



Montão de destroços a que ficou reduzida uma casa alvejada pelas bombas dos *Zeppelins*  
(Cliché Flaviens).



Um enorme rombo sofrido pelo metropolitano com a explosão de uma bomba dos *Zeppelins*  
(Cliché Excelsior).

# VOLTANDO VITORIOSOS



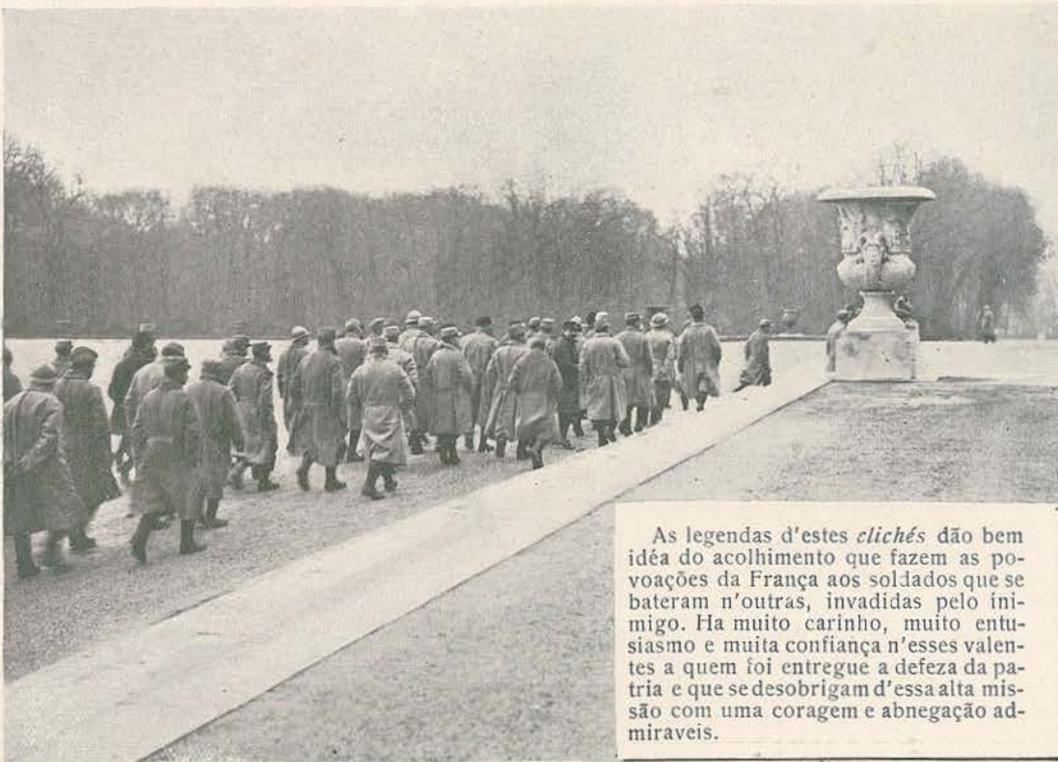
Os ingleses transportam, á força de grande quantidade de cavalos, enormes peças para o parque de artilharia na frente da batalha



Na 2.ª linha: — Fuz) contra o inimigo no ar em um dia que foram vistos 19 aeroplanos inimigos

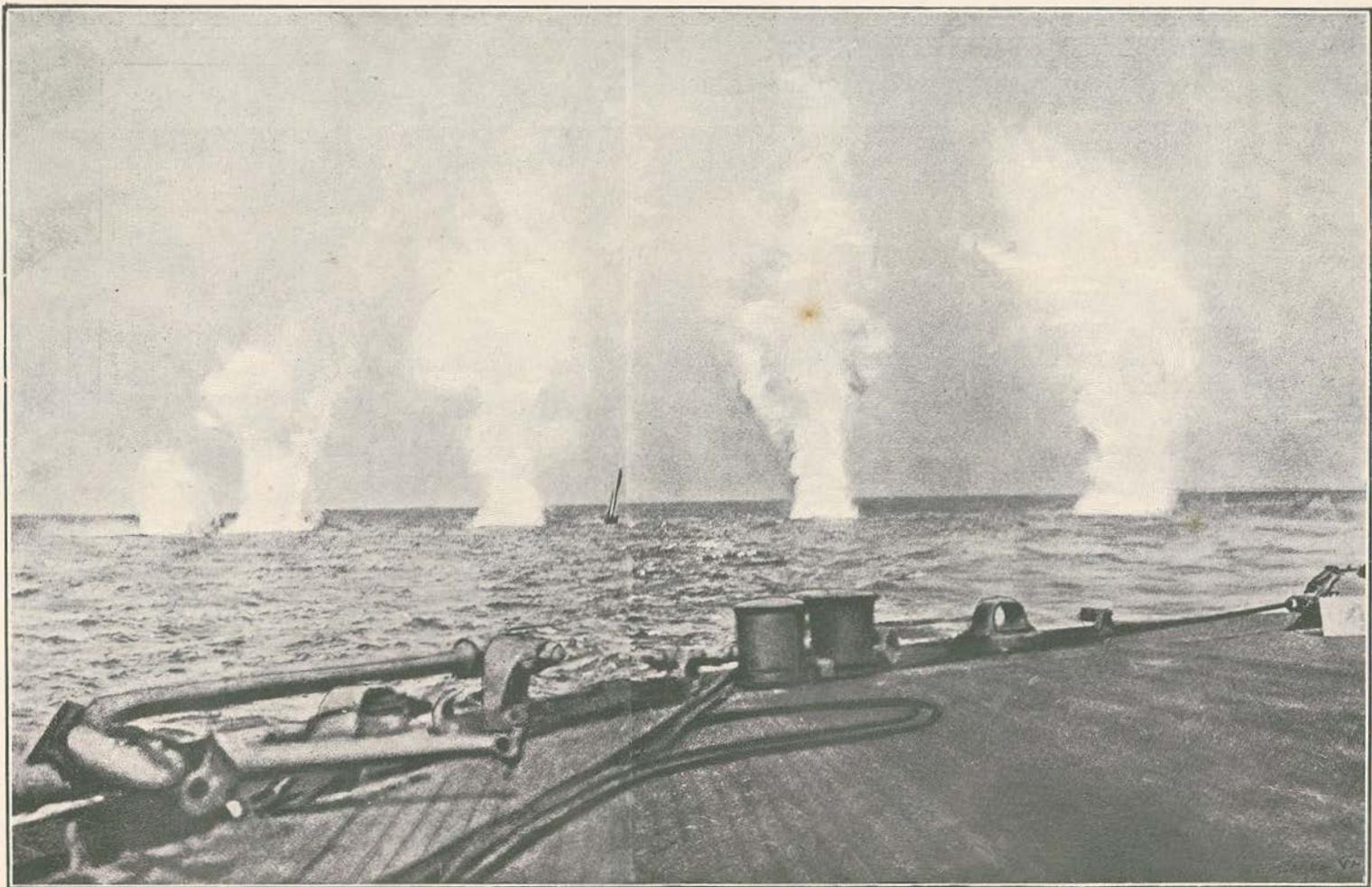


Como os padrinhos de Reuilly recebem os seus afilhados das regiões invadidas—Chegada às casernas



As legendas d'estes *clichés* dão bem idéa do acolhimento que fazem as povoações da França aos soldados que se bateram n'outras, invadidas pelo inimigo. Ha muito carinho, muito entusiasmo e muita confiança n'esses valentes a quem foi entregue a defeza da patria e que se desobrigam d'essa alta missão com uma coragem e abnegação admiraveis.

Sua chegada a Versailles—(*Clichés Excelsior*).



*Poder marítimo dos Estados Unidos: —Efeitos das granadas do dreadnought Michigan rebentando na água*

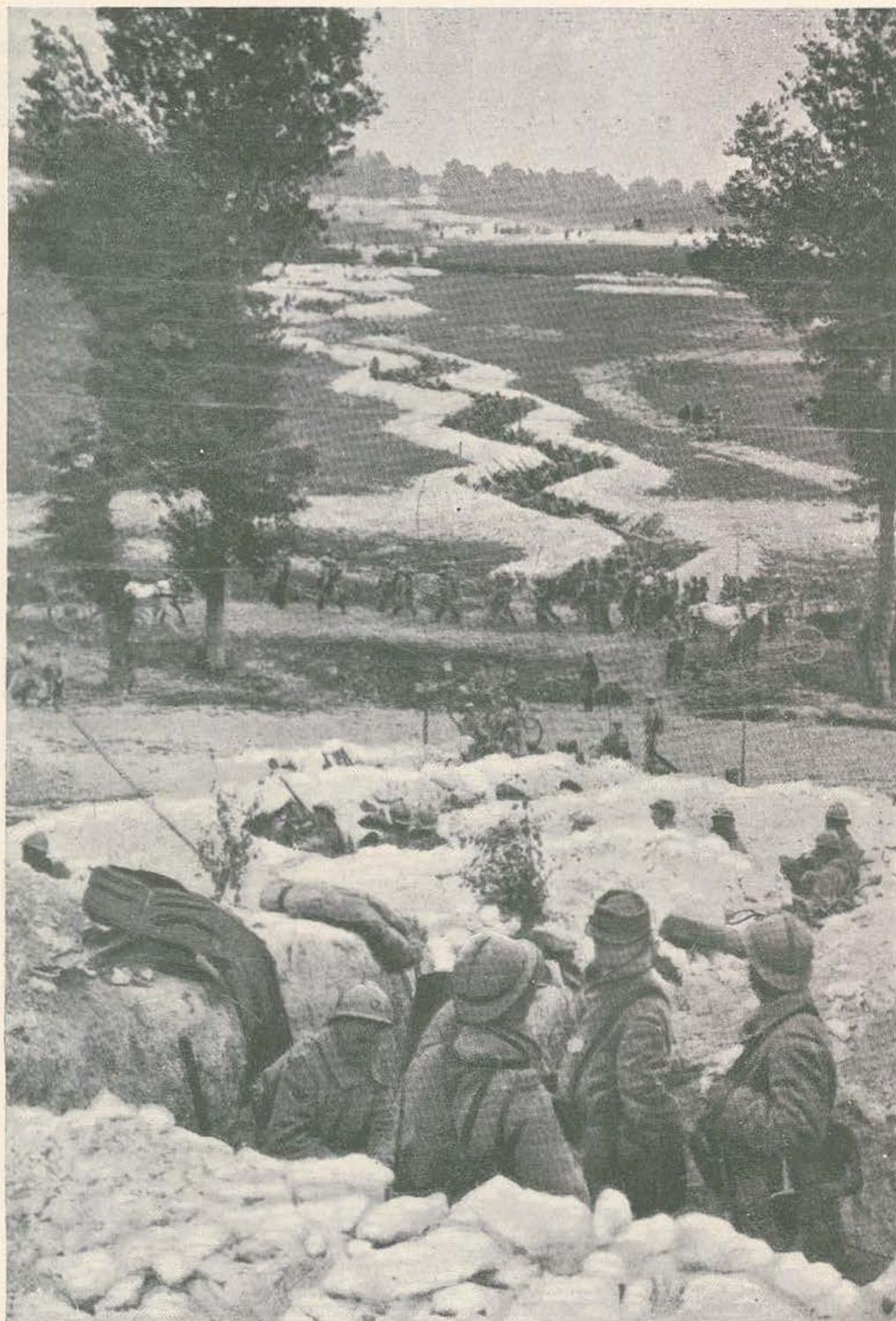
De todas as fotografias que registam a saída do seu paiz da familia real do Montenegro e a sua entrada no solo hospitaleiro da França, a que reproduzimos hoje do serviço, que o «Excelsior» envia para a «Illustração Portuguesa», é das mais tocantes e expressivas. Representa ella essa simpatica familia em Lyon, na casa em que se instalou, procurando viver o mais isolada e modestamente possível, apesar de todos os elementos que o governo francez poz á sua disposição para que estranhasse o menos possível o exilio e para que mantivesse as comodidades e honras inherentes á sua jerarquia. No ros-



#### A FAMILIA REAL DO MONTENEGRO

Sentados: O rei Nicolau e a rainha. Em pé, da esquerda para a direita: A princeza Vera, a princeza Zenia, a princeza Militza, esposa do principe Danilo, mr. Miouchkevitch, primeiro ministro, e o principe Danilo

to do rei Nicolau ha os sulcos fundos da dôr, mas tambem ha uma evidente serenidade e um não sei quê de energia que não é facil succumbir. O recolher-se a França não significa uma desistencia dos seus direitos ou abandono da luta; representa apenas a conformação reflectida com uma força inperiosa de momento. As coisas não tardarão a mudar de aspetos e ao primeiro ensejo o rei do Montenegro voltará para a frente das suas tropas que se estão reorganizando e depois, para o seu paiz que a vitoria final dos aliados lhe restituirá como justo premio de tanta lealdade e de tanto sacrificio.



## NAS TRINCHEIRAS

*Zig-zag de segurança.*—Mostra esta fotografia como se abre um caminho em condições de poder levar com segurança reforços às trin-

cheiras da frente da batalha sem que tenham de se sujeitar a ser atacados e destruídos. Esta trincheira de comunicação pertence á Champagne.

## Parece a batalha de flores em Nice



Parece a batalha de flores em Nice, mas são as flores da batalha e da vitória em Nish. Durante algumas horas chovem cruzeiros de ferro e bastões de marechal á discrição.

(The Bystander).

# A ILHA BRAVA DE CABO VERDE

Se a não tivéssemos visitado, suporíamos um sonho ao ouvir a descrição das suas belezas, a pureza do seu ar e das suas soberbas águas, o estado de adiantamento na civilização da sua população, a galhardia com que nos recebem e nos hospedam, facultando-nos os seus *homes* decorados á americana mas revelando o tipo minhoto das construções. Tudo isto tem a Brava, entre flôres que mais animam as suas extraordinarias belezas naturais, e perfumam o visitante.

Ha na Brava um não sei quê que encanta, que prende todos, áquella terra, padrão de gloria da colonização portugueza, encare-se por que lado fôr. Os homens são tão marinhheiros como os mais autenticos que nas nossas antigas e gloriosas naus descobriram o caminho para a India, e a essa bela qualidade de deve a filha tudo quanto tem de belo; na Brava o amor do povo ao seu torrão natal é tão fervoroso como o do povo continental. Emigra, trabalha, sua, economisa; volvido á patria, faz uma casa, compra umas onças de terra, casa-se, e dedica-se na propria terra por aumentar sempre os

seus renditos, constituindo parcerias marítimas, explorando a terra ingrata pela falta de chuvas, enfim procurando para os filhos o pão de cada dia, limpo, honrado e sustentador.

A Brava ergue-se no pleno oceano Atlantico. Vista de longe parece-nos um pequeno môn-

te em contacto dirêto com as nuvens. A' medida que nos aproximamos d'ela, vão aparecendo aqui e ali, desseminadas, casinhas muito brancas, que se sucedem aos seus 900 metros de altitude.

No litoral a temperatura é muito regular e nos pontos

altos não é raro conseguirem-se 9 graus. Não ha n'aquella ilha a mais pequena coisa que nos faça lembrar que estamos em Africa. e ali se curam com o uso das aguas e do bom ar as febres palustres que se tenham contraído nos pontos insalubres da Africa. A Brava, por isso mesmo, se não é hoje a estação de saude, por excellencia, de todos aqueles que se arruinam no imenso territorio africano, pôde vir a selo quando sejam conhecidas todas as suas belezas. A pouco mais de 60 horas da nossa Guiné e dos territorios que lhe ficam fronteiros, é de recomendar para todos aqueles que precisam recuperar, em pouco tempo, as forças perdidas. A ilha de S. Tomé, a sete dias de viagem para o sul da ilha Brava, teria tudo a lucrar, se os seus habitantes ricos soubessem que tem ali uma segunda edição da ilha da Madeira, embora mais pequena, mas que pôde rivalisar com ela na amenidade do seu clima, nas condições de vida e na rapida cura.

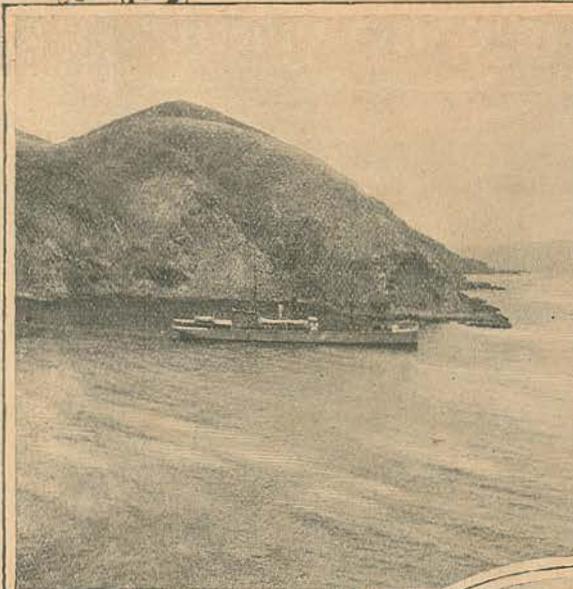
A Brava, não tem grandes progressos no que toca a iniciativas officias, para dar aos habi-



A povoação de Santa Barbara, a 300 metros de altitude, que fica no caminho da Ferra á vila. Ao fundo, separada pelo canal, a ilha do Fogo, onde existe o vulcão a uma altitude de 2.900 metros



Vista parcial do porto da Furna. A estrada que conduz ao porto



O paquete *Gulné*, entrando no porto da Furna

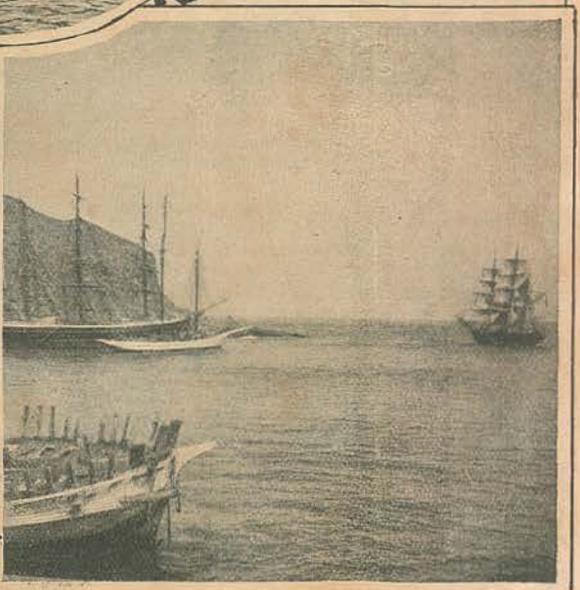
tantes e aos visitantes o conforto a que tem jus. No dia em que a Brava conte com melhoramentos na viação, na telegrafia, no acesso e desembarque, a população conseguirá novos renditos que servirão enormemente para lhe amenisar as agruras que a falta de chuvas lhes traz de anos a anos. Os turistas, sempre ávidos de sensações novas, encontrarão



Vista parcial do porto da Furna, com a antiga ponte-caes que o temporal levou em 1912. No porto um galucho, pequena embarcação para o comercio de pequena cabotagem

na Brava um paraíso perdido que honra sobremaneira as facilidades colonisadoras e de trabalho de todo o povo portuguez, mórmente quando a ele se deve tudo e temos a certeza que não houve a ajuda de ninguém a animar na ardua tarefa.

Lisboa, 31-1-1915.  
Arm. do Xavier da Fonseca



3. *No Vinagre*.—Campos de cana de assucar, regados com agua alcalino-gazosas-bicarbonatadas—4. Vista parcial do porto da Furna. A praia onde se arrastam as pequenas embarcações—5. *No porto da Furna*.—Uma barca baliieira americana esperando reparo. Navios de armadores da ilha esperando o mar para levarem emigrantes para a America. Uma antiga barca meio desfeita fornecendo lenha para a população

# A OPERA EM LISBOA



1. Empreziario da Companhia Fernando De Angelis. — 2. Mezzo-soprano Maria Camozzi.

3. Mezzo-soprano Erminia Rubadi. — 4. Mary Millon. — 5. Soprano A. Gargiulo.

Realmente, são poucos todos os louvores que se teçam á obra intelligente, elevada e patriótica do sr. Antonio Santos, illustre empreziario e diretor do Coliseu dos Recreios, introduzindo a opera em Lisboa e mantendo-a ha anos no seu teatro com um brilho que muito o honra. E é justo que a homenagem calorosa que lhe prestamos no passado numero da *Ilustração* juntemos tambem hoje uma

6. Soprano ligeiro Nadina Tagelli

excepcionaes qualidades de cantora e de atriz na *Tosca*, *Otelo*, *Manon* e *Maria de Rohan*, que cantou com o grande baritono Battistini e que constitue uma bela criação. Não devemos esquecer ainda a sr.<sup>a</sup> Magana Lopez que fez uma *Aida* admiravel e a sr.<sup>a</sup> Tagelli que se salientou no *Rigoletto* com justos aplausos e ainda a sr.<sup>a</sup> Gina de Martini que ha dias cantou a *Traviata*, revelando um belo talento musical e scenico. As sr.<sup>as</sup> Rubadi, Camozzi e Gargiulo são tambem tres artistas de muito valor.



Primeira bailarina Gaetanina Azzolini



7. Baritono Corrado Tavanti. — 8. Comprimario Libero Ottoboni. 9. Comprimario Angelo Algos.

ao distinto professor sr. De Angelis, uma figura de grande prestigio no mundo lirico, que é o empreziario da companhia de opera que tão aplaudida continua a ser no Coliseu e de que já nos occupamos pondo em relevo algumas das suas figuras.

Uma das mais eminentes é a sr.<sup>a</sup> Carmen Toschi, cujo retrato publicamos na capa d'este numero. Com uma brilhantissima carreira artistica, feita especialmente nas primeiras cenas liricas d'Italia, a sr.<sup>a</sup> Toschi afirmou agora as suas



Maestro Gino Puccetti



10. Tenor Giulio Tincani. — 11. Baixo Michel Fiore. — 12. Baixo Eugenio Mariaches.

Na parte masculina, o tenor Arensen occupa um logar de destaque. Em successivas noites a plateia do Coliseu tem ovacionado com delirio os tenores Marescotti e Tincani, os baritonos Zuffo e Tavanti e os baixos Mariaches e Fiore. Vae-se o grande Battistini e fica a genial Galvani, continuando sem interrupção as noites de festa e pura arte no Coliseu.

CONFERENCIAS SOBRE GOYA



O sr. dr. D. Aureliano de Bernette y Moret.



Autoretrato



D. Feliciano Bayeu (Retratos de Goya)

O distinto critico de arte do paiz visinho, sr. dr. Aureliano de Bernet y Moret, esteve em Lisboa, onde realizou interessantissimas conferencias sobre a obra notavel do grande pintor hespanhol Goya, referindo-se n'elas tambem a outros artistas de destaque seus compatriotas. O illustre critico visitou o Museu Nacional de Arte Antiga, elogiando as obras dos nossos artistas n'ele expostos e a boa ordem que o seu diretor sr. dr. José de Figueiredo ali mantém.

Ao sr. dr. Moret foi oferecido um banquete no

Avenida Palace pelos corpos gerentes do grupo dos amigos do Museu Nacional de Belas Artes, que decorreu no meio do maior entusiasmo, trocando-se brindes muito afetuosos. O homenageado agradeceu a honra da festa que lhe dedicaram, confessando-se extremamente penhorado pela delicadeza dos seus promotores.

EXPOSIÇÃO SOUSA PINTO



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, visitando a exposição do sr. dr. Sousa Pinto, tendo á sua esquerda o distinto artista



O sr. Sousa Pinto recebendo o sr. presidente da Republica á entrada do palacio da Sociedade Nacional de Belas Artes. (Clichés Benoliel).

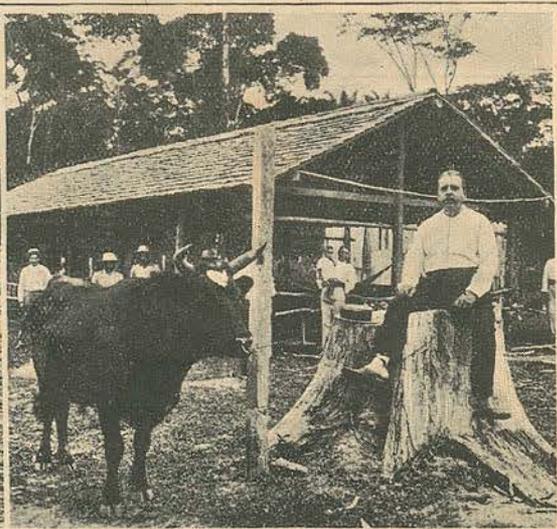
O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, visitou a exposição do notavel pintor sr. Sousa Pinto, tendo palavras de admiração para c

A exposição continua a ser muito visitada e admirada pelos amadores das belas artes.

grande artista e incitando-o a contiunar a sua maravilhosa obra, que com tanto brilho tem enobrecido o nome portuguez.



1. O sr. Manuel Alves da Silveira, coronel reformado da arma de infantaria, falecido em Lisboa. Era um oficial muito distinto e ilustrado, que prestou valiosos serviços na arma a que pertencia—2. O sr. Francisco Freire Teixeira Marques, um dos mais antigos e inteligentes comerciantes da praça de Lisboa, falecido recentemente. Era pae do sr. Domingos Teixeira Marques, muito considerado no nosso meio teatral—3. A sr.<sup>a</sup> D. Alice Honorio dos Santos Gonçalves, esposa do sr. Agostinho Gonçalves e filha estremecida do importante comerciante sr. José Honorio dos Santos, falecida em Pinheiro Grande—4. A menina Ana Rodrigues Teixeira de Barros, filha da grande capitalista sr.<sup>a</sup> D. Maria Rodrigues Teixeira de Barros, e cunhada do sr. Possidonio Cabral, falecida com 17 anos apenas em Alijó—5. O sr. Antonio Pereira, capitão de infantaria do quadro de reserva, falecido em Lisboa. Era natural de Ponta Delgada e condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar—6. O sr. Francisco José de Araujo e Sá, professor primario official da freguezia de S. Lazaro, de Braga, na qual exerceu o magisterio durante 57 anos consecutivos, tendo falecido n'aquella cidade.



Cachoeira do Ourem, no rio Guarua, Pará, Brazil

O «Cativeiro», fotografia tirada na Conceição, Ourem, Pará  
(Clichés do distinto fotografo amator sr. Silvino Santos)



Ponte do caminho de ferro do sul sobre o rio Mira, proximo de Saboia, a qual se destaca de entre tantas que'vem aquella linha pelas suas vistosas guardas, que atingem uma altura superior ao material circulante. Foi construida em 1885 por uma companhia ingleza—(Cliché do sr. Libanio de Sousa)

# MUDANÇA D'ARES

As referencias ligeiras que fizemos ao novo livro do dr. Samuel Maia, «Mudança d'Ares», deixaram-nos na obrigação de as completar quando tivéssemos lido esse trabalho interessantissimo,

que nos faz admirar sob um novo aspeto o seu talento, o seu fino espirito d'observação e a riqueza do seu estilo, com côres para todos os quadros, com vibratidade para toda a gama de sensações. E' certamente uma surpresa para muita gente o aparecimento de Samuel Maia como romancista. Mas quem o tivesse estudado bem atravez dos seus livros d'higiene, das suas consultas e artigos nos jornaes, e reparasse na fórmula literaria que lhes dava, no poder creador da sua imaginação, no tratamento admiravel d'essas figuras em que ele representava os seus doentes d'alma e de corpo, veria facilmente que o distinto medico tinha todas as qualidades essenciaes de romancista.

E'ahi está a prova, a prova brilhante, na «Mudança d'ares». E' um bello romance, vasado em moldes modernos. Toda a ação, muito movimentada, se desenrola atravez de quadros tão verdadeiros, tão flagrantés, e arrasta consigo figuras tão curiosas, tão típicas, que nos parece estarmos defrontados com casos da vida real. E não ha nada mais portuguez, mais varonil, mais saudavel. O amor tambem entra, e não pouco, no romance de Samuel Maia. Pode mesmo dizer-se que tudo ali gravita em volta d'ele; mas não é o amor doentio, de um sentimentalismo piegas, que espalha em volta apreensões e tristezas; é o amor são, cheio de confiança, de vida, que tonifica a alma dos que o conhecem, que a eleva e avigora, em vez de a deprimir e enfraquecer.

Como se vê, aqui ainda ha medico, que da propaganda pela saude e pela força fez um sacerdocio. Mas não imaginem que Samuel Maia se preocupa com medicinas no seu romance. Se não soubessemos que o era, nem parecia um

medico, E um romancista a valer. A sua imaginação tem vôos largos e a sua pena nem se assemelha á que ainda ha pouco, cingida aos limites inexoraveis de artigos, não deixava avaliar da sua pujança e da sua plasticidade. A ironia deliciosa que imprime um dos maiores encantos aos seus artigos de higiene, a frase vigorosa e incisiva, o dialogo com a linguagem caracteristica das personagens, a descrição, que na observação e na reprodução do detalhe chega a ter um sabor camiliano, tudo concorre para tornar a «Mudança d'ares» um livro precioso como trabalho portuguez e um romance que á sua agradável leitura junta o inestimavel valor de uma lição.

Justifica-se plenamente o sucesso que teve a «Mudança d'ares». Poucos livros portuguezes encontraram até hoje, como ele, um acolhimento tão animador. Os pedidos ao autor e a todas as



O dr. Manuel Mendes e a creada Matilde com as suas bisbilhotices

livrarias são constantes. E, realmente, para entreter os serões d'estas longas noites de inverno não se pode escolher obra mais amena e mais cortada de episodios engraçadissimos.

## SALTANDO UMA TRINCHEIRA



ATRAZ DAS LEBRES

(The Sketch).

A Inglaterra é o paiz das matilhas de galgos. A caça da raposa e das lebres adquire ali um brilho e um calor que não tem outro paiz algum. Este curioso instantaneo representa duas raparigas saltando uma

trincheira atraz de galgos que vão em perseguição de lebres. E' um «sport» popular a que é muito dado em Inglaterra o sexo fraco.

# Academia de Amadores de Musica



A festa solenizadora do 32.º aniversário d'esta florescente escola de musica e de dicção afirmou perante uma enorme e escolhida concorrência quão benemeritos são os esforços e os triunfos conseguidos por esta bela instituição a favor da arte



ilustre maestro Pedro Blanch, foi, como sempre, d'uma correção maxima. Os solos de instrumentos todos agradaram intensamente.

São justos todos os louvores que se tribuem ao sr. João Vinha, director da Academia de Amadores de Musica e



em Portugal.

O serão sobre a «Arte da Dança» decorreu primorosamente a começar pela erudita e interessante conferencia do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, entrecortada pela primorosa recitação de poesias de difficilima technica que encontraram nas alunas da aula Arte de Dizer talentosas e delicadas interpretes.

A orquestra, dirigida pelo



aos professores que mais dedicadamente intervieram n'esta linda e memoravel festa e que são o sr. Lobo de Campos quanto á parte litteraria e os srs. Tomaz Borba, D. Lola Vercrussé Sá, D. Pedro Blanch e Marcos Garin, quanto á parte musical. Publicando os retratos de quantos colaboraram em tão delicado «serão», a «Ilustração» presta a sua homenagem a esse valioso nucleo de artistas.



ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA.—Directores, conferentes, professores e alunas da Arte da Dizer, que colaboraram na festa que a Academia de Amadores de Musica realiso para celebrar o seu 32.º anniversario: 1. Sr. D. Lola Vercrussé Sá, professora de harpa—2. Sr. Marquez de Borba, presidente da direcção—3. Sr. Artur Lobo de Campos, professor de litteratura portugueza e «arte de dizer»—4. Sr. Tomaz Borba, professor de rudimentos e harmonia—5. Sr. Pedro Blanch, director da orquestra e professor de violino—6. Sr. Marcos Garin, professor de piano—7. Sr. João Vinha, director que actualmente mais trabalha pelos progressos da Academia de Musica—8. Sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, que fez a bella conferencia «A Arte da Dança»—9. Mademoiselle Maria Mauela Navarro de Simpaio, so ista de cante—10. Madame Mad Lena Metelo Antunes, que fez no piano os acompanhamentos de c nito—11. Mademoiselle e Benedita Santos de Jesus, solista de violino—12. Mademoiselle Hilda B. de Almeida Carneiro, solista de piano—13. Mademoiselle Aline Benamor Lopes, aluna da aula «Arte de Dizer»—14. Mademoiselle Ema Torres Gomes, aluna da aula «Arte de Dizer», que recitou poesias classicas e contemporaneas—15. Mademoiselle Leonor Cachudo, aluna da aula «Arte de Dizer», que recitou poesias classicas e contemporaneas—16. Mademoiselle Cecilia Borba da Costa, solista de harpa

# TEATROS

## O MANEQUIM, no Teatro do Ginasio

Peça alegre, variada, bem franceza, *O Manequim*, está obtendo o Ginasio um amavel successo de bilheteira. Toda a ação gira em torno d'um interessante caso de amor parisiense—e em torno d'ele desenrola-se e passa uma maliciosa, elegante intriga comica, magnificamente encenada e representada com vivacidade e frescura. Maria Matos interpreta bem um papel fóra do seu habitual feitio artistico e ensaiou a peça com muita fantasia e graça.

No cenario do *Manequim* o distinto pintor sr. Mergulhão revelou mais uma vez o seu talento artistico e a bela intuição que possui do teatro.



Ator Alvaro

Atriz Albertina d'Oliveira

actor representára ao lado de Emilia Adelaide, da celebre Margarida loira, etc.

## O CÃO DO COMISSARIO, no Teatro Polyteama.

Frescura e meias de seda. No 2.º ato, sobretudo, a piuga e as palmilhas chegam a assumir proporções delirantes. O que dois actores com graça e fantasia conseguem fazer de meia duzia de pares de botas! Eduardo Garrido traziu a peça com a sua habitual alegria. Pobre Garrido! Fez-me tristeza recordal-o — e recordar, atravez do dialogo da comedia do Polyteama, aquele inalteravel bom humor, tão original e expontaneamente seu!

*O cão do commissario*, é uma peça de tal ou qual frescura. No verão, seria refrigerante. N'este aprazivel fevereiro que vae correndo, é agradável — sobretudo se atendermos a que

vae no palco do teatro da rua de Santo Antão, entre *A Martir*, a *Vida d'um rapaz pobre* e a *Dama das Camélias*. É um ligeiro serviço de gelados para amenisar.

### Alvaro Cabral e as coristas do Eden

Alvaro Cabral, que é um ator comico alegre e um homem alegre, fez ha tempos no Eden uma conferencia sobre as coristas nas revistas. Algumas coristas ilustraram com *couplets* e cantos essa palestra humoristica, distinguindo-se, entre elas, Jalsiza de Sousa e Tina Coelho, que revelaram apreciaveis qualidades. Ahí fica arquivado o Alvaro Cabral, no poleiro, entre as suas discipulas.

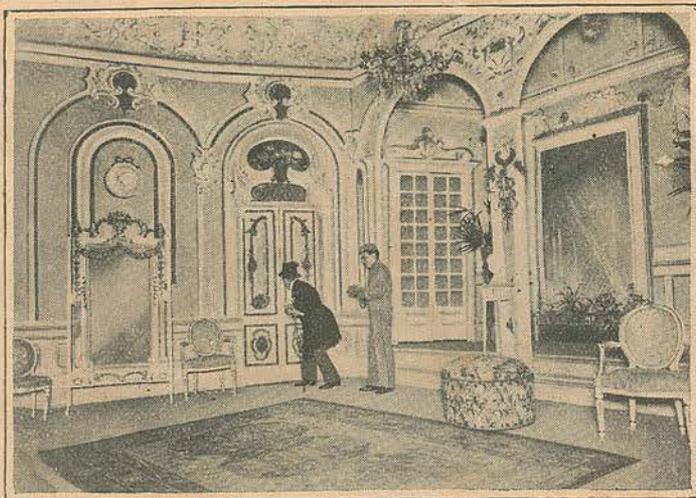
A. de. C.

## A VIDA D'UM RAPAZ POBRE, no Teatro Nacional.

Otávio Feuillet está novamente em moda. O *Odeon*

ressuscitou, em Paris, *Le roman d'un jeune homme pauvre* — e, entre nós, o Polyteama e o Teatro Nacional fizeram-nos novamente recordar as amarguras e a romantica paixão do nobre *Maximo Odiot* e da rica e orgulhosa *Margarida Laroque*. Teatro velho, sem duvida — mas ainda teatro, apesar dos seus cabelos brancos e das mal disfarçadas rugas.

No Nacional, *A vida d'um rapaz pobre*, representada em festa artistica de Albertina d'Oliveira, teve sobreindo o interesse da reaperição do illustre e popular Alvaro no seu antigo papel de galã, que, em outros tempos, o distinto



Uma cena d'o



*Manequim*

Coelho, que revelaram apreciaveis qualidades. Ahí fica arquivado o Alvaro Cabral, no poleiro, entre as suas discipulas.

A. de. C.



4. Alvaro Cabral—5. Clara Cruz—6. Francisca Alima—7. Tina Coelho—8. Jalsiza de Sousa—9. Carmen Marques—10. Maria Gutierrez